

Menstruação e medicina no setecentos: concepções médicas sobre o útero no manual de medicina Erário Mineral (1735) e seu caráter pedagógico na colônia mineira

Gessica de Brito Bueno¹

Christian Fausto Moraes dos Santos²

Raiza Aparecida da Silva Favaro³

Introdução

O conceito de menstruação foi se construindo ao longo dos séculos e incorporando significados concebidos a partir do campo médico, do imaginário social e do religioso (BELLINI, 2003, In: MATOS e SOIHET, 2003). Foi objeto de censura e, muitas vezes, de medo nos meandros da sociedade mineira na América portuguesa do século XVIII (DEL PRIORE, 2004). Esse tema recebeu atenção no manual de medicina setecentista Erário mineral (1735) do cirurgião-barbeiro Luís Gomes Ferreira, que aborda o assunto e descreve como se deve tratar essas alterações fisiológicas. (FERREIRA, 2002, In: FURTADO, 2002). Desse modo, propõe-se, enquanto projeto de pesquisa, compreender como a medicina estava organizada no setecentos, qual o paradigma médico dominante nas academias, em quais teorias os praticantes da colônia mineira se pautavam e, por fim, evidenciar o caráter pedagógico desse manual de medicina, pretendendo, portanto, também, assinalar as manifestações do útero que moldaram a desqualificação/inferiorização das mulheres.

A metodologia adotada pela pesquisa é a descritiva, onde se procurou fazer um levantamento das descrições sobre a menstruação e as consequências do contato com esse sangue, bem como, a explicativa, examinando as descrições

¹ Formada em Artes Visuais pela Unicesumar, graduanda no sétimo semestre no curso de História pela UEM e mestranda em história, cultura e narrativas no PPH-UEM, UEM-PR, e-mail: iamgessicabueno@gmail.com

² Pós-Doutor, professor de História do Brasil e coordenador do Laboratório de História das Ciências-LHC, com bolsa de produtividade no CNPq, UEM-Universidade Estadual de Maringá. G-mail: chrfausto@gmail.com.

³Formada em história pela UEM, mestranda em história, cultura e narrativas no PPH-UEM, e-mail: raiza.favaro13@gmail.com

para apreender o conceito de menstruação no setecentos, quanto compreender as relações que situam o sangue menstrual com doenças patológicas, físicas e mentais e, para além disso, discorrer sobre o caráter pedagógico desse manual de medicina.

1.1. Luís Gomes Ferreira e a colônia mineira

Os feitos do português cirurgião Luís Gomes Ferreira, enquanto esteve na América Portuguesa, na região de Minas Gerais, ficaram memoráveis pelo fato de ter sido considerado um bom curador, decerto, é como ele mesmo se auto declarou nos relatos em sua obra *Erário Mineral*, mas, com efeito, ele teve a capacidade de absorver a farmacopeia tropical e os conhecimentos empíricos dos praticantes locais (FURTADO, 2002, p. 15). No Hospital Real de Todos os Santos onde se formou, a medicina estava pautada nos princípios galênicos, tratando as doenças pelos opostos⁴, de modo que essa tradição europeia foi transportada pelos médicos, cirurgiões e boticários para as colônias brasileiras (NOGUEIRA, 2012, p. 29).

Antes de se instalar em Sabará, ainda quando estava atravessando o penoso caminho do sertão, às margens do rio São Francisco, Ferreira percebe, na própria pele, as ameaças constantes de doenças endêmicas que, por sua vez, estavam relacionadas com o clima, extremamente distinto de sua terra natal, e as condições de sobrevivência insalubre da população e, principalmente, a dos cativos que trabalhavam nas minas de ouro (CUNHA, 2010). Ferreira concluiu que os tratamentos ministrados nos escravos que ficavam diariamente dentro dos rios nas minas deveriam se basear em produtos ou compostos quentes (FURTADO, 2002, pp. 11, 15), uma vez que os enfermos apresentavam uma queda de temperatura corporal “causando friagens, resfriados, eventualmente infecções pulmonares”. Receitou e aconselhou, muitas vezes, cozimentos, chás e banho quente para “esquentar os humores, fazê-los circular” (DIAS, 2002,

⁴ A medicina Hipocrática-Galênica estava pautada em um método terapêutico cujo tratamento para as doenças consistia em levar em consideração a fisiologia, a psicologia e o modo de ser ou aparência geral da pessoa, onde havia prováveis vínculos entre os temperamentos (estados interiores) e a complexão (manifestações físicas), de modo que esse método era indispensável e continuaria por muito tempo enquanto a ciência não perscrutasse os eventos subcutâneos (PORTER, VIGARELLO, 2008, p. 445).

pp.53, 60). De fato, contribuiu para a formulação e inauguração de uma “Medicina Tropical”, utilizando-se de receitas dos indígenas, sobretudo, dos índios carijós, conhecimento esse que foi passado a ele e aos paulistas (FURTADO, 2002, p. 26).

Ao observar o regime de saúde que estava presente nos manuais de medicina e nos tratados médicos em Minas Gerais, bem como, quais eram os atuantes da cura nesse tempo e espaço, é possível chegar à conclusão de que a construção do saber no campo da medicina envolvia uma mistura de saberes que abarcavam outras esferas, e essas tinham o mesmo peso de legitimidade que os Tratados médicos, por exemplo, produzidos pelos letrados do período, e, além disso, os manuais de medicina serviam de consulta tanto pelos médicos quanto pelo público leigo, sendo manuseado com a finalidade de instrução da vida, sobretudo da saúde (ABREU, 2011, p. 14).

Em suma, se na Idade Média “a prática astrológica não é integralmente condenada, apenas quando utilizada de acordo com os “matemáticos”, os magi do oriente, que praticavam as previsões do futuro através do posicionamento dos astros” (ANDRADE, 2017, p. 335), no período setecentista, uma dessas esferas do saber seria os almanaques que eram chamados Lunários Perpétuos (BELLINI, 2003, In: MATOS e SOIHET, 2003). Ademais, também havia a terapêutica africana, indígena e os manuais de exorcismo utilizados pelos padres (ABREU, 2011). Não obstante, ainda que comungassem diversas práticas nas colônias, no discurso oficial médico toda medicina informal era refutada, envolvendo físicos, cirurgiões e padres numa busca por enquadrar-se na teoria da Discrasia humoral na cura desses nativos (LEITE, 2011).

1.2. Luís Gomes Ferreira e as ervas abortivas

O mais intrigante que se cabe desvelar sobre é os procedimentos, os remédios e as motivações que teriam levado esse cirurgião a descrever em seu manual de medicina sobre a menstruação das mulheres da região do ouro. Talvez essa disposição em absorver farmacopeias e compor remédios voltados para o organismo feminino, no caso das escravas, esteja ligado ao fato de que teve um caso com sua escrava e com ela teve três filhas, e, ao tudo indica, estiveram presentes em sua vida durante o tempo em que esteve na colônia,

num cotidiano onde, por certo, observou como seus organismos poderiam funcionar e como reagiam aos medicamentos (CUNHA, 2010).

A mulher negra atuou em vários seguimentos na colônia, seja no comércio, no campo da alimentação e na prostituição (FIGUEIREDO, 2004, p.144 In: DEL PRIORE, 2004), competindo analisar quando se apresenta a necessidade de se livrar de uma gravidez indesejada, tendo em vista, algumas questões pertinentes como, por exemplo, a não concessão sexual que leva à invasão de seus corpos, resultando no repúdio por um filho nascido da violência e abuso, a indesejável ideia de ter um filho mulato que parte do proprietário da escrava, cabendo salientar que a mulher negra também teme ter um filho com seu mesmo destino, ser escravo(a). Também deve-se levar em consideração a ausência de sentimento materno, onde não há o desejo de ser mãe, e, por fim, o desarranjo do bom andamento dos trabalhos na colônia se elas engravidassem. Dentre outras possíveis causas, começemos por analisar os medicamentos e as motivações inerentes ao aborto que Luís Gomes Ferreira relata em seu manual de medicina, posto que os dois assuntos comungam entre si.

Ao verificar as descrições acerca de substâncias abortivas nos tratados em Erário Mineral, pode-se considerar que há uma ambivalência que acompanha a situação da terapêutica, que é a de se saber se a mulher está ou não grávida. Ao verificar os efeitos que essas composições causavam no organismo dessas mulheres, observa-se que poderiam ser dois: fazer vir a conjunção, no caso de um atraso, tendo em vista fatores climáticos e ambientais, e o aborto. Ambas as causas eram tratadas com a mesma medicação, e, sem dúvida, o cirurgião buscava livrá-las dos fluidos venenosos (FERREIRA, 2002, p. 442). A lógica que regia a elaboração de compostos ecbólicos e emenagogas por Gomes Ferreira parecia se circunscrever numa noção de prevenção, um domínio sobre a reprodução das mulheres escravas (LEAL, 1995, p. 22).

Dentre muitos remédios, há “um antídoto universal” (COELHO, 2002, p. 165), que o cirurgião chama de triaga brasílica, em que ele descreve em seus tratados como uma composição de várias ervas, drogas e animais da região brasileira, servindo para fazer vir a conjunção, bem como para quem era acometido de envenenamento. Essa chamada panacéia, segundo Fernando Santiago dos Santos (2013) parece ter sido utilizada desde o início do setecentos, pois há menção de seu uso por vários padres, uma vez que em torno de 1712 ela era chamada de receita magna jesuítica, incluindo substâncias animais e

minerais. É possível perceber a presença de “raízes, sementes, extratos, gomas, óleos químicos e sais químicos, e, além destas, podem ser encontradas plantas utilizadas na forma de cipós, cascas, pós e outras formas (principalmente óleos e gomas)” (Ibidem, 2013, p. 15).

Em Erário Mineral o cirurgião não deixou bem claro como se preparava a receita, aliás, ele faz menções o tempo todo a panaceia, indicando que alguns ingredientes fazem parte da Triaga, mas na verdade acaba por não recitar a receita por completo, tendo em vista que, antes de decidir escrever sua obra para comercialização no Reino, considera a receita de seus medicamentos um “segredo” (FURTADO, 2002, p. 16), dizendo ser a fórmula do seu sucesso como cirurgião. De todo modo, a triaga, Segundo Gomes Ferreira (2002, p. 165), “servia pra tudo, desde envenenamentos até ausência de menstruação”, se a mulher, estando com dores por não lhe vir a conjunção, poderia saber ou não se estava grávida, beberia desse composto e logo “se curaria”. Era um remédio que continha ervas e drogas tropicais fortes demais, se apresentando como um “poderoso antídoto” (WISSENBACH, 2002, p. 130, In: FURTADO, 2002) para tratar moléstias, dores de acidente e de encantamento, onde dificilmente uma gestação suportaria.

É possível perceber, ademais, alguns ingredientes como a arruda, uma planta que “faz promover o sangue mensal e alimpar a madre”, explica que são necessárias “duas partes do sumo de artemija e uma de sumo de arruda com uns pós de açúcar, de tudo uma onça até onça e meia para cada vez, morno, em jejum e de tarde” (FERREIRA, 2002 p. 289). O efeito abortivo da arruda já é conhecido há séculos pelas indígenas, pois elas se utilizavam dessa planta para evitar a gravidez, e isso seria um dos conhecimentos que Gomes Ferreira deve tê-lo apreendido em sua convivência com as experiências dos sertanistas, que, por sua vez, se apropriaram dos saberes ameríndios.

Outro ingrediente a ser citado nos tratados de Gomes Ferreira é a Ipecacoanha, que é, segundo ele, “uma raiz delgadinha e com muitos nós, enozelada e torta; são estas raízes o único e certo remédio para curar cursos ou sejam de sangue ou sem ele, [...] e também é remédio contra os venenos” (WISSENBACH, 2002, p. 140, In: FURTADO, 2020). Segundo cita Santos (2013) há dois tipos de ipecacoanhas, a branca e a negra. Há presente na ipecacoanha dois alcaloides em suas raízes, a emetina e a cefelina, ou seja, suas propriedades possuem efeitos, consecutivamente, para provocar vômitos e para

o tratamento de infecções ativas (ASSIS; GIULIETTI, 1999, p. 205). Percebe-se que o cirurgião tem por objetivo abrir as veias e os canais do corpo, posto que, seria mais acessível para que os fluidos pudessem passar, aliás, os excessos de humores, e, desse modo, poderia “desembaraçar o sangue mensal das mulheres e fazer-lhe vir à regra copiosamente” (FERREIRA, 2002, p. 253).

A raiz de capeba teria essa mesma função de desobstruente, seu uso seria indicado para tratar infecção na bexiga e prisão de ventre (CUNHA, 2010), no entanto, ao ser utilizado para fazer vir a conjunção acabava causando um efeito abortivo, o cirurgião dava o diagnóstico de obstruções na maioria das vezes em que as mulheres não menstruavam, sendo necessário abrir o canal ou canais internos de seu corpo (FERREIRA, 2002, p. 252-253). Houve um caso em seu tratado em que Ferreira utilizou raízes de capeba cozidas para desembaraçar o sangue mensal de uma escrava, contudo, essa foi uma decisão tomada após o cirurgião entrar em um debate com um médico, sobre qual seria o melhor tratamento para ela (Ibidem, 2002, p.308-309).

Cabe confrontar a opinião do cirurgião com a do médico, que por sua vez, receitou a essa mesma escrava sangrias, três a quatro vezes ao dia. Gomes Ferreira, afirmou que se o fizesse teria seu sangue dilatado, sendo um procedimento perigoso e desgastante para a enferma (CUNHA, 2010). Nisso, o cirurgião estava ciente dos perigos que a sangria causa a saúde, relatando que elas devem ser feitas, se necessárias, de forma moderada e “sendo a doença nova e havendo forças” (FERREIRA, 2002, p. 385), ou seja, o doente deve estar relativamente robusto para suportar as sarjas. É interessante perceber que “apesar de ainda compartilhar de uma visão da medicina baseada na teoria dos humores, Luís Gomes Ferreira insurgia-se contra o uso indiscriminado das sangrias” (FURTADO, 2002, p. 26).

Outro composto mencionado pelo português é a purga de rom, também citada continuamente em seus tratados, tem a ação de expelir humores viciosos, onde volta-se novamente para a teoria dos humores de Hipócrates. Tratou uma escrava que, segundo ele, se encontrava com o juízo perdido por não lhe vir a conjunção, logo, preparou um “um frasco do medicamento desobstruente e uma purga de rum, com o que lhe veio o sangue e ficou sã” (DIAS, 2002, p. 90). Muitos remédios abortivos, utilizados na região de minas, não estavam somente em forma de chás, haviam também duchas ou seu uso intra-vaginal, as chamadas chapoeiradas, foram procedimentos tradicionais que

combinavam diversas ervas e caldos, dentre eles à fervura de vinho, um preparo semelhante à da purga de rom citado nos tratados de Gomes Ferreira. A terapêutica para seu uso também é parecida com a do cirurgião, envolvidos numa superstição e simpatia, a porção deveria ser forte, igual a cor do vinho, parecendo-se com o sangue menstrual, recomendava-se tomar em jejum e, por fim, as benzedeiças rezavam, garantindo a “overdose hormonal”, para o aguardo da menstruação e não, necessariamente, causar um aborto. A ideia de que o sangue deve fluir, circular, era intrínseca à teoria humoral, o sangue menstrual, causando dores e loucuras na mulher, deveria sair, para que o corpo pudesse se equilibrar (LEAL, 1995, pp. 23,24).

Destarte, ao avaliar os medicamentos, começa-se por perceber a quantidade de substâncias denominadas ecbólicas ou emenagogas contidas no seu trabalho, mais conhecidos como contraceptivos e abortivos, de modo que é nítido alguns dos motivos que levaram o cirurgião a se apropriar e também elaborar compostos com o qual usou para muitas finalidades, como, por exemplo, livrar moças de uma gravidez indesejada, num quadro mais específico, as escravas negras que, sem dúvida, tinham seus corpos para o uso e prazer dos senhores colonizadores (COELHO, 2002, pp. 165,167).

No que tange o uso do corpo feminino na colônia, cabe sublinhar que é fato que se ocorreu uma generalização da prostituição na região mineira, num conjunto onde soma-se a mobilidade dos mineradores solteiros que se defrontavam com exigências burocráticas da Igreja e do Estado para o matrimônio, favorecendo a busca por relações mais livres, seja pelo fato dos donos das “casas de alcouce” procurarem diversificar seus investimentos para além das minas, e nessa configuração, “negras, mulatas, carijós” eram “empurradas para essa prática”. No que se refere as escravas que foram sendo delegadas para o trabalho nas minas, quando se iniciou a febre do ouro, o historiador Luciano Figueiredo (2004, pp. 143, 157, In: DEL PRIORE, 2004) confirma a escassez de mulheres negras, pois as tarefas mais penosas da extração cabiam aos homens, restringindo as escravas a função de carregar gamelas com pedras.

A historiadora Maria Odila Leite da Silva Dias (2002) está de acordo com a autor, pois confirma que havia nas Minas notória escassez de mulheres escravas, os mais ricos tinham, por uma questão de luxo, escravas minas cozinheiras, ou domésticas, outros alugavam suas escravas para terceiros,

colocando-as a jornal, em atividades de pequeno comércio, que foram rapidamente se disseminando pelos arraiais (DIAS, 2002, p. 86). Quando o território começa a ser rapidamente povoado, a proporção do número de prostitutas aumenta de modo significativo no interior das vilas, e, possivelmente, a de escravas trabalhando no interior das minas. Se no início de setecentos há um contraste de uma mulher para cada trinta e cinco homens, quando já na crise da mineração no final do século XVIII e início do XIX encontra-se cinquenta e uma mulheres para vinte e sete homens (DEL PRIORE, 2004, p.143). Negras e mulatas estavam sujeitas aos termos da colonização, a finalidade de sua presença era para a acumulação de renda dos colonizadores e exercício do comércio para abastecimento da colônia, e, numa atitude de resistência contra a perpetuação dos seus papéis de sofrimento e padecimento, muitas recorreriam ao aborto.

Quanto as motivações, Luís Gomes Ferreira exprimi em seus relatos que “as escravas abortavam muito”, como conta que uma vez deu arruda com assafetida para uma escrava de um ouvidor que já se encontrava no sétimo mês de gestação, com dores e dificuldade respiratória (DIAS, 2002, p. 90). Nisto, parece inoportuno que, inicialmente, sob uma escassa presença de mulheres, uma escrava engravidasse, pois seu proprietário perderia uma “empregada” saudável e jovem, cujas funções eram essenciais para o andamento do serviço, e o custo para obtê-la já era alto, se viesse a gestação, decerto traria consigo os contratempos que uma gravidez carrega, não poderia continuar a contribuir para as atividades econômicas comerciais integralmente, uma vez que elas geravam renda em diversos setores econômicos, onde o lucro era voltado para seus proprietários.

A ocupação e trabalho das mulheres no comércio era essencial, pois sua função era vital para o abastecimento das vilas que iam surgindo e se espalhando conforme o caminho do ouro encontrado. Transportavam consumo imediato para os mineradores, chegando a se apresentar como uma ameaça para as autoridades, pois os mineradores trocavam o ouro, que certamente escondiam, por um alimento que elas vendiam ou por seu serviço sexual (FIGUEIREDO, 2004, In: DEL PRIORE, 2004, pp.144, 156).

O historiador Ronaldo Vainfas (2004, p. 205) se pergunta se haviam “conhecimentos suficientes para controlar a própria fecundidade?”, onde acha pouco provável que o aborto e a contracepção fossem difundidos em toda a

população colonial. Contudo, embora não podendo ser encontrada essa atitude e mentalidade em toda a colônia, a autora cita que muitas mulheres, sejam elas caucasianas, negras ou mulatas, decididas a abortar, iam em busca de curandeiras e parteiras, submetendo-se a tratamentos perigosos. A gravidez biológica deveria perpassar pela gravidez social, a decisão de tomar substâncias ecbólicas e abortar transgredia todo um ideal normativo, e, com efeito, inviabilizava o projeto de uma família nos moldes ocidentais, todavia, provavelmente as escravas negras observavam que não teriam o mesmo destino social que muitas caucasianas e mulatas (LEAL, 1995, p. 69).

É plausível constar que havia a possibilidade de, além das próprias escravas irem em busca das curandeiras para ampará-las, os senhores colonos poderiam solicitar o trabalho de um médico ou cirurgião mais próximo que estivesse trabalhando em sua região para preparar um composto que pudesse abortar o possível nascimento de uma criança negra indesejada, temendo que pudesse causar um desajuste nos negócios, visto que, nos tratados de Luís Gomes Ferreira (2002), diversas vezes, ele começa por relatar que o proprietário é quem o chama para tratar de sua escrava.

Destarte, se por um lado, a mulher, caucasiana da sociedade ibérica, que já era, biológica e moralmente aliada do diabo, fosse contra a lei natural de sua condição de prover a descendência, era condenada em diversos aspectos, quando se tratava de uma mulher negra escrava, a igreja parecia dar-lhe o mesmo julgo, mas sempre o mais pesado (DEL PRIORE, 2004, p. 109). No entanto, por outro lado, parece possível confirmar que os proprietários dessas escravas ao determinarem o impedimento de uma gravidez, agiam em conjunto com as autoridades estatais e religiosas, havendo um descompasso entre juízos morais sociais estabelecidos e as efetivas práticas de aborto impulsionadas por eles. A ontologia substancialista, no setecentos, estava em conformidade com a tradição judaico-cristã ocidental, que condena os praticantes de aborto, mas essa convicção parece não se inscrever diante de realidades tão distintas e individuais no interior da colônia mineira, visto que essas práticas não poderiam se tornar públicas (LEAL, 1995, p. 66).

De acordo com a historiadora a Elisabeth Badinter (1985, p. 22) “o amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito. Contrariamente aos preconceitos, ele talvez não esteja profundamente inscrito na natureza feminina”, dessa forma, o fato de as

escravas optarem por impedir uma gestação poderia estar vinculado, além do desejo de não ter um filho futuramente escravo, e isso foi um argumento justificável no século XVII e XVIII (MOTT, 1989, p. 92), elas poderiam não possuir o desejo de ter um filho, principalmente, por meio da violência sexual.

Mas no setecentos, essa manifestação contrária à maternidade estava estritamente ligada a ideia de doença mental, de terem desenvolvido distúrbios mentais ao não possuírem sentimentos maternos, posto que, considerando que as mulheres negras escravas já eram encaradas como seres animais, principalmente a partir de Sarah Baartman, onde o corpo da mulher negra com supostas características zoológicas aproxima-se “do animal ou até confundindo-se com ele” (BRAGA, 2011, p. 6), soma-se ao episódio de que, quando não raro, escolhiam a fuga, o suicídio ou o assassinato (MOTT, 1989), para livrar filhos, irmãos e a si próprias da escravidão, eram encaradas como seres sem alma ou sentimentos. Se “a mulher branca que assumisse o filho ilegítimo ficava sujeita a condenação moral, [...] as negras e mestiças” (VENÂNCIO, 2004, p. 198, In: DEL PRIORE, 2004) embora não sofressem esse preconceito moral sob o julgo social, num panorama terrificante, ao recorrerem ao aborto e homicídio, eram apontadas como animais, tanto pela igreja quanto pelo imaginário social.

Observa-se, então, que mulheres consideradas benzedoras e curandeiras possuíam práticas empíricas na arte de curar, combinando observação e experiência utilizando substâncias, chás e unguentos que se misturavam com superstições e devoções para auxiliar na cura do doente (CUNHA, 2010, p. 256). Durante o longo tempo sem médicos na região mineira, e, possivelmente, sua contínua escassez em diversas vilas, fizeram com que mulheres, curandeiras e parteiras, reunissem dentro de sua experiência prática, conhecimentos acerca de seus próprios corpos, num amontoado de múltiplas culturas, sejam elas “negras, mulatas, índias e brancas tratavam-se mutuamente” (DEL PRIORE, 2004, p. 113), e Luís Gomes Ferreira, embora preso a um universo mágico sobre os poderes do corpo feminino, mostrou-se capaz de tratar de diversos casos referentes à menstruação, contribuindo para a história da mulher na colônia.

1.2. Teoria da purificação e nomenclaturas da menstruação

A ideia de que as mulheres são volúveis, perigosas, de vontade fraca, demonstrando ser de uma natureza misteriosa e incontrolável pelo fato de menstruarem, vem dos médicos gregos, visto que, o conceito acerca da fisiologia feminina começou a ser elaborado pelo médico grego Hipócrates (460 a. C.) (VIEIRA, 2002). Os registros afirmam que Hipócrates foi o primeiro a analisar o fenômeno da menstruação, e como na época não era possível examinar cadáveres humanos, ele imaginava que o útero era formado por “inúmeras subdivisões e saliências, e que o seu interior contivesse tentáculos e ventosas” (CARVALHO e FALKENBACH, 2009).

Segundo a historiadora Ana Maria Colling, para Aristóteles (385-323, a.C.) “o primeiro desvio é o nascimento de uma fêmea”, e, em suas declarações, ele define diversas características do corpo feminino, delegando-o à inferioridade, numa analogia aos corpos masculinos (COLLING, 2015, p. 186). O corpo feminino era visto como uma enorme esponja macia que absorve o sangue menstrual, e se esse sangue não fosse usado para a reprodução, poderia causar problemas gravíssimos a elas (LASKARIS, 2002, p. 184). No tratado de Hipócrates chamado “A Doença das Virgens”, ele já descrevia as alterações de comportamento, “alucinações e os delírios resultantes da retenção de fluxo menstrual, os mesmos relatados por Platão, Aristóteles e Plínio” (VALADARES et al., 2006 p. 120).

As concepções sobre a menstruação não foram formações discursivas locais do século XVIII, mas nasceram na Antiguidade, atravessaram os séculos e se religaram a uma pluralidade heterogênea de campos de conhecimento como o saber astrológico encontrado em lunários perpétuos, os novos tratados de fisiognomonia, as influências da natureza antromórfica (GUIMARÃES, 2016), bem como, manuais de medicina portugueses, todos com sua explicação acerca da menstruação, ora particular ora compactuando da mesma opinião (FERREIRA, 2002).

A historiadora de medicina clássica Helen King (1993) em sua obra “Once upon a Text: Hysteria from Hippocrates en Hysteria beyond Freud” mostra que os textos hipocráticos relatam o processo de desenvolvimento da mulher e as mudanças em seu organismo, ele escreve que conforme as meninas vão crescendo os canais do corpo são gradualmente abertos para abrir passagem

para os fluídos que seu próprio corpo produz. Para Hipócrates, portanto, existiam três tipos de sangramentos transitórios, sendo eles a menarca, a defloração e o parto, como também acreditava que o sangue feminino provinha da mesma fonte ou mesmo lugar, ou seja, o sangramento que ocorria no momento do parto era tido como análogo ao da menstruação (HIPÓCRATES, 1851).

É importante compreender que será encontrado em textos médicos e manuais de medicina diversas terminologias utilizadas para descrever a menstruação, como, por exemplo, flores, cursos, termos, doença mensal, meses, presente, benefício da natureza e visitas, todos esses são termos e frases que foram encontradas e usadas por mulheres, pelo menos desde a Antiguidade, passando pela Idade Média e durante todo o período moderno (KING, 1993). A menstruação é percebida como um complemento maravilhoso da natureza, associado a fertilidade, o fluxo pode ser conhecido também pelo nome de luas, purgações, trabalhos, épocas, uma verdadeira bússola de boa ou de má saúde da mulher, a clorose, a histeria, a loucura e a ninfomania dependiam de diversas desarmonias dos vários sistemas de seu organismo (ROHDEN, 2001).

Nas explicações da Teoria Humoral a menstruação era um exemplo concreto de que a Teoria Humoral Hipocrático-Galênica funcionava, ela explicava sua lógica, a menstruação reforçou a crença de que a saúde consistia no fluxo livre dos fluídos, ela foi usada como exemplo para legitimar a teoria. Três ou quatro dias era o período em que se abria a veia do doente, ou da mulher com a menstruação atrasada, seja para fazer vir sua menstruação, seja para diminuir um fluxo sanguíneo que estivesse em excesso (READ, 2010). Esse tipo de lógica regeu as práticas médicas dos médicos gregos até chegar no século XVIII, visto que, em Erário Mineral (1735) há vários registros de casos de mulheres que sofriam de fluxo de sangue, onde o cirurgião, embora faça uso as sangrias para alguns casos específicos, já estava ciente do perigo de se aplicar sangrias exageradamente, de modo que ele tratou a maioria das mulheres com outros tipos de medicamentos que provinham da flora brasileira (FERREIRA, 2002).

Considerações finais

A pesquisa concluiu até o momento que a Teoria Humoral Hipocrático-Galênica foi o paradigma médico dominante desde o século V a.C. até a primeira metade do século XVIII, onde os manuais de medicina que circulavam na colônia mineira na América Portuguesa, trabalham as doenças com base nessa teoria (ABREU, 2011), bem como, devido ao complexo contexto do setecentos, no que tange aos campos de conhecimento que buscavam explicar a saúde e a doença, havia diversos personagens na colônia que atuavam na terapêutica, tais como poucos médicos, muitos cirurgiões, boticários e atuantes na ilegalidade, como curandeiros, benzedeiros e parteiras (DEL PRIORE, 2004).

A medicina portuguesa baseada nos princípios hipocráticos enquadrou a menstruação feminina na teoria, a enxergando como uma catarse, um fluido venenoso que se formava todo mês em seu útero e necessitava ser evacuado, a mulher era vista como uma doente desde seu nascimento por sua fisiologia, o mesmo fluido causava-lhe doenças físicas, incluindo diversos sintomas como dor e epilepsia, até as mentais como histeria e desordens mentais (BELLINI, 2013, In: MATOS e SOIHET, 2003). O caráter pedagógico desse manual de medicina se inscreve pelo fato de se tratar de um livro auto instrutivo no período, para um público mais amplo da comunidade mineira, e percebendo sua característica e estrutura na escrita é possível inseri-lo no ensino na aula de história, fazendo os alunos perceberem quais as características do manual de medicina, diferenciando-a de um tratado médico da mesma época, qual a linguagem usada, quais os assuntos centrais trabalhados nessa fonte e como o tema ‘menstruação’ foi tratado nela. Isso possibilita os alunos refletirem sobre os estigmas presentes até hoje acerca desse fenômeno fisiológico natural da mulher (GUIMARÃES, 2016).

Referências bibliográficas

Fonte documental

FERREIRA, Luís Gomes Ferreira. *Tratado I: da cura das pontadas pleuríticas e suas observações*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

Livros

ABREU, Jean Luiz Neves Abreu. *Nos domínios do corpo: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII*. Rio de Janeiro: Editora FIORUZ, 2011.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. Tradução de: L'Amour en plus.

BELLINI, Ligia. *Concepções do corpo feminino no Renascimento: a propósito de De universa mulierum medicina, de Rodrigo de Castro (1603)*. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP 2003.

COELHO, Ronaldo Simões. *O Erário Mineral divertido e curioso: a arte de curar*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. (Org) Carla Bassanesi. 7. ed. — São Paulo: Contexto, 2004.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento -1710-1733*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FERREIRA, Luís Gomes Ferreira. *Tratado III: Da miscelânea de vários remédios, assim experimentados e inventados pelo autor como escolhidos de vários para diversas enfermidades*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). *Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

FIGUEIREDO, Luciano. *Mulheres nas minas gerais*. In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. (Org) Carla Bassanesi. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

FURTADO, Júnia Ferreira. *Arte e segredo: o Licenciado Luís Gomes Ferreira e seu caleidoscópio de imagens*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

GUIMARÃES, Maria Regina Cotrim. *Civilizando as artes de curar: chernoviz e os manuais de medicina popular do império*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2016.

HIPÓCRATES. *De la nature de la femme*. Trad. E. Littré. Paris: Chez J. B. Bailliére, 1851.

KING, Helen. *Once upon a Text: Hysteria from Hippocrates en Hysteria beyond Freud*. Berkeley (U. of California), 3-90. 1993.

LEAL, Ondina Fachel. *Sangue, fertilidade e práticas contraceptivas*. In: Corpo e significado: ensaios de antropologia social. Editora da Universidade- UFRS. 1995.

PORTER, Roy. VIGARELLO, Georges. *Corpo, saúde e doenças*. In: CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. História do Corpo: Da Renascença às Luzes – Vol I. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001.

VENÂNCIO, Renato Pinto. *Maternidade negada*. In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. (Org) Carla Bassanesi. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Gomes Ferreira e os simplices da terra: experiências sociais dos cirurgiões no Brasil colonial*. In: FURTADO, Júnia Ferreira (org.). Erário Mineral de Luís Gomes Ferreira. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Oswaldo Cruz, 2002.

Artigos

ANDRADE, Thainan Noronha de. *Relações entre astrologia e magia na idade média. Temporalidades* – Revista de História, ISSN 1984-6150, Edição 25, V. 9, N. 3. set./dez. 2017.

ASSIS, Marta Camargo de; GIULIETTI, Ana Maria. *Diferenciação morfológica e anatômica em populações de "ipecacuanha" - Psychotria ipecacuanha (Brot.) Stokes (Rubiaceae)*. Rev. bras. Bot. vol.22 n.2 São Paulo Aug. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-84041999000200011>. Acesso em: 15 fev. 2020.

BRAGA, Amanda. *Dispositivos de uma beleza negra no Brasil*. Em Silel, Uberlândia, Edufu, Anais, v. 2, n. 2. 2011 Disponível em: <http://desejante.files.wordpress.com/2013/10/beleza-negra.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2020.

CARVALHO, Fabiana; FALKENBACH, Atos Prinz. *O histórico da menstruação e sua relação com a saúde da mulher*. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 135 – Agosto. 2009. Disponível em:<<https://www.efdeportes.com/efd135/menstruacao-e-saude-da-mulher.htm>>. Acesso em: 2 de Jun. 2020.

COLLING, Ana Maria. *A construção histórica do corpo feminino*. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 28, n. 2 – Jul./Dez. – ISSN online 1981-3082. 2015. Disponível em:<[www.seer.ufu.br › index.php › neuquem › article › view](http://www.seer.ufu.br/index.php/nequem/article/view)>. Acesso em: 8 de Jul. 2020.

CUNHA, Luciola de Lima. *Erário Mineral: práticas curativas no Brasil do século XVIII*. Revista História. 2010. Disponível em:>http://www.utp.br/historia/revista_historia/numero_4/PDFS/Luciola.pdf> .Acesso em: 10 de mai.2020.

LASKARIS, Julie. *Error, loss, and chance in the generation of therapies*. In: Hippocrates in context. Org. JOHN, Scarborough. PHILIP, J. Van Der Eijk Ann Hanson Nancy Siraisi. Vol. 31. Brill Leiden – Boston .2002. Disponível em:<[file:///C:/Users/tulip/Downloads/Hippocrates%20in%20Context%20Papers%20read%20at%20the%20International%20Hippocrates%20Colloquium%20University%20of%20Newcastle%20upon%20Tyne%202731%20August%202002%20\(Studies%20in%20Ancient%20Medicine\)%20\(Studies%20in%20Ancient%20Medicine\)%20by%20Philip%20\(z-lib.org\).pdf](file:///C:/Users/tulip/Downloads/Hippocrates%20in%20Context%20Papers%20read%20at%20the%20International%20Hippocrates%20Colloquium%20University%20of%20Newcastle%20upon%20Tyne%202731%20August%202002%20(Studies%20in%20Ancient%20Medicine)%20(Studies%20in%20Ancient%20Medicine)%20by%20Philip%20(z-lib.org).pdf)>. Acesso em: 3 de Mai. 2020.

LEITE. Bruno Martins Boto. *Medicina de Padre: Estudo sobre os fundamentos culturais da medicina jesuítica no Brasil Colonial*. 2011. Disponível em:<https://www.academia.edu/26906806/Medicina_de_Padre_Estudo_sobre_os_fundamentos_culturais_da_medicina_jesu%C3%ADtica_no_Brasil_Colonial>. Acesso em: 5 fev. 2020.

MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Ser mãe: a escrava em face do aborto e do infanticídio*. Revista História, São Paulo, 120, p.85-96,jan/jul. 1989 Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/revhistoria/article/view/18594>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

NOGUEIRA, André Luís Lima. *Doenças de feitiço as Minas setecentistas e o imaginário das doenças*. VARIA HISTORIA, Belo Horizonte, vol. 28, nº 47, p.259-278, jan/jun 2012. Disponível em :<<https://www.redalyc.org/pdf/3844/384434840012.pdf>> Acesso em: 29 jul. 2020.

READ, Sara. *Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly': accounting for menstruation in early-modern England*. Doctoral thesis, 2010. Repository

Ibora. Disponível em: <
[https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/ Those Sweet and Benign Humours that Nature Sends Monthly accounting for menstruation in early-modern England/9327668](https://repository.lboro.ac.uk/articles/thesis/Those_Sweet_and_Benign_Humours_that_Nature_Sends_Monthly_accounting_for_menstruation_in_early-modern_England/9327668)>. Acesso em: 05 de Jun. 2021.

VALADARES, Gislene C. et al. *Transtorno disfórico pré-menstrual revisão: conceito, história, epidemiologia e etiologia*. Rev. psiquiatr. clín., São Paulo , v. 33, n. 3, p. 117-123, 2006 . Disponível: < <http://www.scielo.br/scielo.php?>>.